

A migração, ou como dar conta das diferenças, com humor

I

Guy REWENIG (2007), *Le Chef d'Orchestre à la Baguette de Bambou. Une Lettre*. Luxembourg: Nospelt/Ultimomondo, Pockolibri, 124 p.



É pela voz de Mwayé, africano, decerto sem papéis, requerente de asilo, que Guy Rewenig nos leva a revisitar os caminhos do Grão-Ducado, com *Le Chef d'Orchestre à la Baguette de Bambou* [O Maestro, com a Bengala de Bambu], um conto em jeito de missiva, ou carta, «ao Senhor Presidente» deste país, que foi agraciado com o 1.º Prémio do Concurso Literário Nacional, do Luxemburgo, em 2007.

A riqueza do texto está, também, na sua oralidade, isto é, do francês, com forte pronúncia africana. Todos os lugares são batizados com o sufixo –gué ou –é: por exemplo, Equéternaqué (Echternach), Diquiriqué (Diekirch), Rollinguégrundé (Rollingergrund), Hollériqué (Hollerich), Kirchébergué (Kirchberg), Limperstbergué (Limperstberg).

A lista de irmãos, irmãs, e amigos de Mwayé é infinda, como é próprio das genealogias africanas com o mesmo parentesco: Suwedi e Isabi, com quem o confundirão vezes sem conta nos Serviços Sociais luxemburgueses; Bukurush, albanês e bate-chapas, que para si é «médico diplomado da chapa metálica» (Rewenig, 2007: 14, ss.); Ewaso, seu colega de quarto, que «dá umas buzinelas em luxemburguês» (*ibid.*: 9-10, 20, ss.); o ucraniano Anatoli; o húngaro Ferenc, que um dia falará *lözöböösch* (cf. *ibid.*: 27); ele mesmo, Mwayé, já fala *leutcheubeuche* (*ibid.*: 28), para exasperação do funcionário luxemburguês (cf. *ibid.*: 87); a Senhora Ferreira, da escola de línguas, cujo encerramento da fábrica para cassetes-audio, alusão à TDK, atirou o seu marido para o desemprego (cf. *ibid.*: 28); a polaca Olga, cujo nome é russo, que falará à sua maneira o alemão; o melro Tsitsi, também chamado Tsitsimagojitsitsi;

a senegalesa Consoladora [Consolatrice], para os próximos, Sola, a sua paixão, que trabalha na seção de carnes de um supermercado luxemburguês, mas reside nos arredores de Thionville, em França; Elikya, Okwui, Ndulu, Bakari, Ima, todos estagiários na Escola de Hotelaria de Diquiriqué (Diekirch); Generosa [Généreuse], ou simplesmente Géné, cuja abreviação e alcunha sugere foneticamente estar «incomodada», e tem motivos para isso, porque «ela trabalha nos cuidados (de saúde ou beleza), é infeliz, e não gosta do Luxemburgo» (*ibid.*: 66); Noulou, sua amiga e colega na escola de línguas; Ramyar, o seu irmão curdo; ainda, O Senhor Moço da Pizzaria, camaronês, cuja mulher é marroquina, e o seu patrão é da Letónia; por sua vez, a mulher marroquina do camaronês é imigrante em Inglaterra, onde cuida de um celibatário romeno, que negociava em vinhos do Porto (cf. *ibid.*: 91); Mirdzhalal, o *pizzaiolo*, seu irmão uzbeque; o Senhor porteiro, belga, cujo bisavô imigrou de Budapeste, casou-se com uma austríaca, cuja mãe era russa e o pai, italiano; e muitos mais distribuídos pelo país, em funções e (des)ocupações mirabolantes.

Mwayé dirige-se a todos, com a formalidade das circunstâncias: Senhoras e Senhores, Senhor Presidente do Luxemburgo, Senhores funcionários de tudo o que é Serviços, sem descuidar de se dirigir, também, ao «Senhor Deus» (*ibid.*: 21), ministros, autoridades, agentes, bombeiros, membros da Procissão Dançante de Echternach, aos Senhores das Escavadoras (cf. *ibid.*: 51), portugueses ou outros, ao Senhor novo (cidadão) luxemburguês, ou seja, a si mesmo (cf. *ibid.*: 67, e ss.).

A inevitabilidade de Mwayé ser Mwayé, «isso complica as coisas.» (*ibid.*: 4). Mwayé empresta à sua personalidade um estilo informal e dirige-se a todos por «meu irmão, minha irmã». Utopia igualitária? Reminiscências da catequese cristã ou do endoutrinação muçulmano?

Dando início a uma entrevista, Mwayé, saúda o funcionário luxemburguês, nestes termos: «Bom dia, meu irmão, eu sou africano.» A reação foi imediata: primeiro, o funcionário luxemburguês não é seu irmão; segundo, «que tu venhas de África, isso mete-se pelos olhos dentro.» (*ibid.*: 4) Mwayé alega, em sua defesa, não ter intenção de causar nenhum dano à vista deste seu irmão, Senhor funcionário luxemburguês. Em todo o caso, recomenda-lhe que coloque uns óculos protetores de sol. O tratamento informal leva o funcionário luxemburguês a fazer-lhe o reparo: «Tratas-me por tu? Quem te julgas?» (*ibid.*) Mwayé diz tratá-lo por tu, porque o funcionário, seu irmão, o trata por tu. Como consequência, o funcionário manda-o aguardar vez. Mwayé aguarda vez, mas a sua vez não chega. Encerram os Serviços e olham-no demoradamente. Que voltasse no dia seguinte. Mwayé conclui, portanto, que, no Luxemburgo,

aguardar a vez é algo de muito diferente do que seja em África, onde «a vez acaba por chegar» (*ibid.*), ou seja, diríamos em português, *quem espera sempre alcança*, o que não é o seu caso.

No dia seguinte, espera-o mais do mesmo. Aguardar vez. Justificar-se se ele é o outro, se Mwayé é o próprio, e por que motivo, da última vez, ele se chamava Suwedi, e da penúltima vez, Isabi. Por que de essas vezes foram essas pessoas que vieram para a entrevista, com este seu irmão, o Senhor funcionário luxemburguês, não ele, Mwayé. Como assim, insiste o funcionário luxemburguês, – «Tu acabas de dizer os seus nomes! – És tu quem me disse os seus nomes, meu irmão.» (*ibid.*: 5) Não há pachorra. O funcionário luxemburguês lembra-lhe, «de uma vez por todas» (*ibid.*), que não é seu irmão!

Mwayé é levado a refletir sobre o que possam pensar os outros seus irmãos deste irmão luxemburguês, o Senhor funcionário, com tão mau génio. E encontra uma resposta perspicaz: este seu irmão luxemburguês «não tem por hábito ser um irmão. Penso que não há irmãos no Luxemburgo.» (*Ibid.*). Superado este momento, Mwayé e o seu inconformado irmão prestam-se a novo mal entendido, quando o funcionário luxemburguês tenta retomar a entrevista, com uma afirmação ambivalente: – «Tu vens de África...» (*Ibid.*) Ao que Mwayé responde, evidentemente, e pergunta-lhe: – «E tu? És luxemburguês?» (*Ibid.*) Ao funcionário luxemburguês resta-lhe fazer saber que é a si quem compete fazer perguntas.

Mwayé conhece muitos luxemburgueses que não se parecem com os luxemburgueses. Pensa que têm medo de perder a sua identidade e isto é complicado de gerir. Conclui que o Luxemburgo está por toda a parte, com exceção de África. Mwayé não ousaria dizer a um africano que este tem ar de luxemburguês... O funcionário luxemburguês interrompe-o: – «Tu queres insultar-me? Assenta-te e espera a tua vez!» (*Ibid.*: 6).

Retoma-se a entrevista. O funcionário luxemburguês quer saber o que Mwayé tem feito, em África. A pergunta deixa-o sem resposta. O funcionário luxemburguês quer saber se ele tinha um emprego, ou algo parecido. Mwayé diz-lhe que é advogado. O funcionário luxemburguês sente-se provocado. Só podia estar a gozar com a sua cara («*ma gueule*»). Mas em francês, o termo «*gueule*», cara ou focinho, presta-se a outro significado, pelo que Mwayé apressa-se a dizer que não chamaria de «focinho» à «figura humana» (*ibid.*) do seu irmão, funcionário luxemburguês. O cão tem um focinho; o leopardo, também. Quanto a «vós, Senhor funcionário, vós tendes um rosto.» (*Ibid.*).

No limite, o funcionário luxemburguês pergunta-lhe, o que vem a ser esta sua loquacidade? É um poema da sua autoria, responde-lhe Mwayé. Intitula-se,

O rosto. Pois, que se defina: é «advogado ou poeta?» (*Ibid.*: 6). E por que motivo veio para o Luxemburgo? Por azar, um «grande azar» (*ibid.*: 7), responde-lhe Mwayé, ou seja, aconteceu. Isso fez com que descubra o Luxemburgo, «a pérola escondida da Europa, o diamante incomparável do continente, a oitava maravilha do mundo» (*ibid.*). O funcionário luxemburguês interrompe-o: «Pára, estúpido!» (*Ibid.*) O importante é saber o que traz Mwayé ao Luxemburgo, quando «se está farto de traficantes de droga africanos» (*ibid.*). Diz-lhe que os Serviços vão passar pelo crivo o seu *dossier*.

Aparentemente, isto motiva a carta aberta de Mwayé, ao «Senhor Presidente» deste país. A outra razão invocada é que Mwayé deseja ficar no Luxemburgo, tornar-se cidadão luxemburguês e, para o efeito, dá provas do seu conhecimento desta sociedade.

Temos o salão automóvel, em jeito de festival, que Mwayé classifica de «celebração», tal como «a missa»: «É o acontecimento maior deste indescritível país.» (*Ibid.*: 10). Até já pensou em tirar a carta de condução, porque, dizem, tirar a carta de condução é «o último certificado de nacionalidade» (*ibid.*: 12), mas o seu irmão, o Senhor porteiro belga, é de opinião que, por enquanto, aguarde vez e não chame sobre si mais atenções.

Opinião contrária tem este seu irmão, o Senhor funcionário luxemburguês de mau génio, que lhe propõe antes *D’Grouss Botz* (as limpezas), porque Mwayé é um «matulão» (*ibid.*: 22), capaz de trabalhar três vezes mais rápido do que os luxemburgueses. Mwayé pensa que isto faz o sentido de humor dos luxemburgueses: «Desde que comam, estão felizes e otimistas.» (*Ibid.*).

Mwayé repara nos símbolos nacionais luxemburgueses, como a bandeira, cuja barra de três cores, «desesperadamente vazias» (*ibid.*: 23), se confunde com a dos Países Baixos. Apenas o leão é vermelho e isto significa, para Mwayé, «a africanização simbólica do Grão-Ducado» (*ibid.*: 24). Quanto ao idioma, é muito «difícil» saber «onde começa o alemão e acaba o luxemburguês» (*ibid.*: 29).

Não obstante estes acidentes, Mwayé é otimista e considera o Luxemburgo como «o país dos milagres. Eu não os espero, mas eles acontecem diariamente.» (*Ibid.*: 32). O seu interlocutor mais chegado é o avisado Tsitsimagojitsitsi, um nome complicado, ou simplesmente Tsitsi, o melro mais bem informado e em nada rezingão, «visto que ele contempla o Grão-Ducado do alto.» (*Ibid.*: 35).

Outros prodígios: o Nordic Walking, para se acabar e vez com os engarrafamentos de trânsito; a procissão da Consoladora dos Aflitos, na capital, ou não fosse esse também o nome do seu «grande amor», Sola, a sua irmã senegalesa, que o consola, ainda que não seja «santa» (*ibid.*: 38). E a procissão dançante d’Equéternaqué, às terças, de Pentecostes, com lenços brancos.

Aos olhos de Mwayé, há nos luxemburgueses como que uma «fleuma inabalável», o que se presta também a pedantismo e arrogância: «os luxemburgueses são como mortos-vivos, estão completamente fartos de tudo.» (*Ibid.*: 42). As suas emoções, como o entusiasmo, são interiorizadas. Aliás, foi em Equéternaqué que Mwayé se apercebeu da estreita relação entre o consumo de cerveja e o entusiasmo. Com ou sem o pé dançante, com ou sem maratona, a verdade é que o luxemburguês, por norma ou natureza, não corre, não gosta de correr, anda e anda devagar, *au ralenti*. «Mesmo quando pára, ele anda.» (*Ibid.*: 43). Seria necessário que outro luxemburguês corresse, e que este outro luxemburguês soubesse que três outros luxemburgueses o fazem, contrariamente ao esperado. Nisto, como no mais, assegura-lhe Tsitsimagojitsitsi, o melro, «é o princípio que conta.» (*Ibid.*: 46).

Na verdade, Mwayé ainda não se saiu da entrevista, com o seu irmão, o Senhor funcionário luxemburguês de mau génio, que, aliás, é pago para isso: «Quanto mais está insatisfeito, mais o seu emprego é legítimo. Ao menos ele não trabalha por nada.» (*Ibid.*: 55).

Resta o humor do africano, com riso e lágrimas, «em permanência» (*ibid.*: 62) e a impressão que se espera do estrangeiro destituído, «uma profunda gratidão» (*ibid.*: 71), mesmo quando se tem de limpar a m**** dos outros: «Dites-nous merci de pouvoir évacuer notre m****.» (*Ibid.*: 71).

Por tudo isto, Mwayé escreveu esta carta ao «Senhor Presidente» e faz acompanhá-la de um presente africano «muito especial», uma bengala de bambu do Uganda, porque «tu és um maestro extraordinário, Senhor Presidente, e precisas, portanto, de uma bengala (querendo dizer, batuta) muito especial para dirigir o teu povo maravilhoso.» (*Ibid.*: 84).

Estamos na presença de um texto brilhantemente construído, atual, transbordante de ironia, humor, por vezes, patético, e de metáforas, denunciando situações comuns, como o poder discricionário dos funcionários, Napoleões de secretaria, o desprezo em relação ao estrangeiro sem estatuto nem recursos, os preconceitos e estereótipos, a satisfação egótica, o consumismo, a aparente bonomia de certos luxemburgueses, a conformidade às normas sociais, que os leva também à indiferença, ao racismo, ao sério de tão triste, à hipocrisia, passando em revista práticas sociais, como o Nordic-Walking e a maratona, o salão automóvel, as festividades em torno de Consolatrice e Willibrod, omitindo-se a de Fátima, em Wiltz, e os festivais para todas as circunstâncias e agenda dos políticos.

O humor, no texto de Rewenig, encontra-se também presente no romance *Madame Bâ* (2002), do francês Erik Orsenna, em que a personagem Marguerite

Bâ, uma cinquentona do Mali, com a ajuda do seu advogado, mestre Benoît Fabiano, escreve uma carta à administração francesa, ao tempo do presidente Jacques Chirac, solicitando-lhe um visto para estadia provisória, cujos motivos evocam a sua história pessoal e do seu universo, e nos romances do congolês Alain Mabanckou, radicado nos EUA.

II

Guy HELMINGER *et al.* (2015), *Migrant – Un Recueil de Pièces*. Luxembourg, Bridel: Hydre Éditions, 129 p.



O Kasemattentheater (fund. 1964), em Bonnevoie, levou à cena vários *sketches* sobre temática da migração. Os textos, em luxemburguês, alemão, francês e inglês, deram origem à recente publicação *Migrant* (2015), que dá continuidade ao projeto «O medo e a prosperidade da terra luxemburguesa» (*Furcht und Wohlstand des Luxemburger Landes*), em colaboração com o Centre National de Littérature. Há nestes textos um fino sentido de humor e absurdo. Outros reproduzem lugares-comuns sobre o estrangeiro, o racismo, a burocracia. Interessam-nos as passagens que referem a migração dos portugueses, ou falantes, em português, bem como a migração dos próprios luxemburgueses.

1. A abrir, Guy Helminger, com *Et ass nach nâicht verluer* [Ainda nada está perdido], temos Emil e o seu filho Pier, que, da bancada de um campo de futebol, têm dificuldade em integrar as peças do *puzzle* europeu, com uma tirada ao português Costa, que deixou o seu país «quando em Portugal não tinha nada mais que comer» (Helminger *et al.*, 2015: 14), comentando, pai e filho, os resultados dos jogos de futebol nos mundiais e a prestação do Luxemburgo. Consensual é a ideia de reconfortar os seus estômagos com uma salsicha Thüringer, porque «ainda nada está perdido» (*ibid.*: 18).

2. Pela mão de Ian de Toffoli chega-nos *Le sacrifice* [O sacrifício], a duas vozes femininas. Diz a mais velha: «Ei, miúda, contei-te como um dia, José, o pequeno Português, tão espadaúdo que era, [agora] magrizela, perdeu a sua aliança numa máquina? Claque! [A máquina] fez um golpe seco e, em seguida, o anel foi esmagado pelos dentes da trituradora. Ele chorou, o pequeno Português.

Ele dizia que a sua mulher o ia rejeitar, que ele nunca iria encontrar uma assim, grande e loira, de pernas grandes até ao céu. Ele gostava muito da sua mulher, o José. Mas o que queres tu, os seus dedos esqueléticos não foram capazes de segurar uma aliança, e a sua mulher, bem, ela deixou-o pouco tempo depois...» (*Ibid.*: 25). Esclarece-nos a mais nova: «Não é a aliança, que foi apanhada pela trituradora, mas a mão inteira de José. [...] mas José não gritou, não, [...], ele pensava na aliança, que as mandíbulas de aço tinham arrancado com a sua mão, ele pensava no que ia dizer à sua mulher, de aqui a pouco, quando ela recebesse a notícia. Ele gostava muito da sua mulher [...]. Eis José, então, percebendo que a máquina tinha acabado de tragar a sua mão, incapaz de pensar noutra coisa, a não ser na sua mulher, não dizia para si, *M****, m****, a minha mão*, mas em vez disso algo como, *M****, m****, eu tenho a certeza que ela não quererá um estropiado...*» (*Ibid.*: 25-26).

3. A (des)construção da figura do estrangeiro, que é luxemburguês, e dos estereótipos associados ao estrangeiro, é-nos proposta por Nathalie Ronvaux, com *Au suivant!* [O seguinte!] O diálogo é mantido entre três luxemburgueses, dois funcionários administrativos e o expatriado que regressa ao seu país. Os funcionários P1 e P2 carimbam papéis e não dão ouvidos ao estrangeiro luxemburguês, P3, que lhes faz saber: «Eu não sou estrangeiro.» (*Ibid.*: 53) O funcionário P2 argumenta: «Senhor, é-se sempre estrangeiro em relação a alguém!» (*Ibid.*). Há uma inversão da perspetiva no modo como os funcionários luxemburgueses P1 e P2 tratam o seu próprio compatriota beneficiário dos serviços sociais. Tomam-no por estrangeiro, imigrante, vítima de uma rede de passadores, e se o seu móbil é fazer fortuna no Luxemburgo, está muito enganado. Com cinismo, não se coíbem em aconselhá-lo a voltar para o seu país, no estrangeiro, porque, no Luxemburgo, há «crise», não é o «paraíso», as rendas são caras e para alojamento, resta-lhe o parque de campismo, a norte, ou alguns quartos perto do aeroporto. Mas regressar está fora de questão, para P3, que se diz bancário (cf. *ibid.*: 59). Só então os funcionários P1 e P2 se apercebem que P3, o seu interlocutor estrangeiro, lhes tem falado sempre em luxemburguês, o que não é expectável por parte de um estrangeiro, mesmo tratando-se de um luxemburguês. Os funcionários P1 e P2 decidem falar-lhe, desta vez, em francês, e insistem com P3, o estrangeiro luxemburguês, que ele não deve afeiçoar-se às «especialidades culinárias» luxemburguesas, como a sopa de feijão, a salsicha grelhada, a quiche; nem aos naturais, a quem chamam de «indígenas» (*ibid.*: 61), nem envolver-se na vida cultural do país. E para compor a tanto interdito, os funcionários P1 e P2 até o acham «boa

pessoa» (*ibid.*), pelo que o seu país estrangeiro, ou seja, o próprio Luxemburgo, já se regozija com o seu regresso. Passam, «ao seguinte».

4. O seguinte texto, de Nico Helminger, intitula-se eufemisticamente *Be Our Guests* [Sejam nossos convidados]. As personagens são um brasileiro, outro, espanhol, e uma formadora na área comercial, que lhes fala em alemão e deixou de ser e-/i-/migrante. A cena passa-se no escritório de uma agência para trabalho temporário. Enquanto aguardam pela sessão de formação, um dos homens mete conversa com o outro, que lhe responde invariavelmente «jo» (sim). E reporta, como lhe correu a entrevista marcada: «assim, bem, limpo, afeitado, está sentada lá uma senhora, uma senhora bonita, jovem, mesmo muito bonita, e eu, bom, dizer, venho para o trabalho, portanto, eu tinha isto bem preparado, em luxemburguês – *Senhora, o meu apelido é tal e tal, e eu estou aqui, porque eu procuro trabalho...* – e ela olha-me, mais, ela olha-me, [...], e ela, ainda e sempre com uma grande cara, diz: *En français, s'il-vous-plâît !* (Em francês, por favor!)» (*Ibid.*: 70).

Durante a sessão de formação, em alemão, o que estes estrangeiros retêm é que lhes falam de «eficiência», «ergonomia», «multicultural», «polivalência», «esgotamento psicológico» (*ibid.*: 71), e é-lhes pedido para competir entre si, o que leva ao brasileiro a desabafar: «estou tramado...» (*Ibid.*: 73) Vem a saber-se que o candidato espanhol vendia frangos, por Bruxelas, enquanto o brasileiro, sugere que estava na área dos produtos hortícolas, legumes, pêssegos, coco... O que leva ao espanhol a falar de si, como filho deserdado de um pai industrial, «homem de negócios muito rico» (*ibid.*: 76), e que tinha estudos universitários... A isto, contrapõe o brasileiro, que também ele esteve ligado ao «big business» (grande negócio) por Copacabana e pelo Ipanema, considerando que o outro estava a gozar consigo. E não se fica por aqui, na apresentação da sua mais-valia, com o seu luxemburguês de bolso contra os migrantes fronteiriços, que só falam a sua língua. Inesperadamente, o outro pergunta-lhe como o deve «vender», querendo com isto dizer, apresentar... Ao que um deles opina: «Que m**** de país, onde se é obrigado a vender o seu vizinho!» (*Ibid.*: 78) e sugere irem-se embora.

5. Da orla tropical das Américas chegam-nos *Coconuts* [Coqueiros], um texto de Marc Limpach, em inglês, com o propósito de explicar aos estrangeiros, em particular, aos norte-americanos, como compreender os luxemburgueses, a quem a personagem Meryl Burton, formadora trintona ou quarentona, nas curvas, chama de «Luxos». Trata-se de um monólogo. A cena imagina-se no

escritório de um grande banco norte-americano, no Luxemburgo. A sedutora M.B. apresenta-nos o Luxemburgo como: «Este minúsculo país fechado a cadeados, que ocupa uma área equivalente a metade do tamanho de Rhode Island» (*ibid.*: 85), para que se saiba, o mais pequeno estado, dos EUA, que se pensou inexpugnável, a que chamaram «Gibraltar do Norte», e por isso mesmo, os «Luxos ainda preservam uma mentalidade de fortaleza: ou você está dentro [das suas muralhas], ou está fora.» (*Ibid.*). M.B. reparou, também, que muitos dos «Luxos» têm mulheres «italianas, algumas têm apelidos portugueses e outros vizinhos chegaram inclusive do Kosovo.» (*Ibid.*) E para melhor ajustar ao retrato do país as suas gentes, M.B. menciona Irving Berlin, que, na comédia *Call Me Madame* (Chame-me Senhora, 1950), se referiu ao Luxemburgo como sendo «demasiado pequeno para ser um país; demasiado grande para ser uma cidade» (*ibid.*: 86). Ainda, tomando de empréstimo o modelo teórico de Kurt Lewin, que opinou poder imaginar-se o mundo cultural em termos de «coqueiros» e «pessegueiros», a formadora M.B. faz corresponder os luxemburgueses aos «coqueiros» e os norte-americanos aos «pessegueiros», com base na característica dos seus frutos, por fora, muito duros os cocos e muito macios os pêssegos (cf. *ibid.*: 89). E disto resulta, que os norte-americanos vejam os luxemburgueses como «frios e distantes», e estes, aos norte-americanos, como «superficiais e hipócritas» (*ibid.*: 90). Por último, Henry Miller, nos seus *Quiet Days in Clichy* (Dias de Paz em Clichy, 1939), que do seu (des)encontro com os luxemburgueses os achou mais «preocupados em saber qual dos lados o pão havia sido barrado com manteiga. Eles podiam não fazer o pão, mas podiam barrá-lo.» (*Ibid.*: 90) A formadora M.B. termina o seu monólogo com lugares-comuns sobre temas a evitar, com os luxemburgueses, como seja, «falar de dinheiro» (*ibid.*: 86), «o segredo bancário» (*ibid.*: 87), «a privacidade» (p. 89), «a solidão e a depressão» (*ibid.*: 92).

6. Pol Greisch dá-nos a conhecer o *Emigrant[e] Felten*, com o seu desvario de querer emigrar para um cantão da Suíça, cujos motivos relaciona com o clima, no Luxemburgo, levando consigo uma barra de ouro, tendo de reserva mais outras três, em casa, e por ser, no seu imaginário, cidadão honorário de Cademario, em Malcantone, e para salvar o luxemburguês da predita extinção linguística, à semelhança do *Schwyzerdütsch* [alemão falado na Suíça], com a ajuda do seu tio da América, para uma palestra nas termas suíças. F de Felten, luxemburguês, e Z de Zollbeamter, ou funcionário da alfândega suíça, que se chama Emil e é sub-inspector, e ao telefone, o Dr. Sprüngli, inspector, são personagens que falam um alemão dialectal tão especioso, que as coisas adquirem

contornos alarmantes e um desfecho inusitado. A cena passa-se na alfândega, em Basileia. À pergunta do sub-inspector Z. sobre os nomes – apelido e nome próprio –, F. responde que se chama Felten e Välten, o que em alemão soa o mesmo. Para o sub-inspector Z., o luxemburguês F. diz chamar-se, duas vezes, F., o que é bizarro e deliberadamente provocatório. Para ajudar à confusão, o luxemburguês F. acrescenta que V. está para F. como F. e V. estão para V. de Valentin, e apressa-se em justificar a duplicação e triplicação dos seus nomes, por vontade do seu pai, que quis, deste modo, simplificar-lhe a vida. Portanto, vamos ao que interessa. Se o luxemburguês F.F.F., ou V.V.V., ou F.V.V., ou V.V.F., quer imigrar para a Suíça? Se tem conta aberta? O luxemburguês F. explica-lhe que ainda não abriu conta, mas que até tem consigo uma barra de ouro, na sua mala, e reserva outras três, em casa, as quais, pelo peso, não as pôde arrastar consigo, para a Suíça, mas que providenciará ao seu transporte. O luxemburguês F. estabelece, primeiro, que sim, tenciona emigrar, mas na sua terra. Depois, imigrar, sim, mas de aqui. Confuso. Emigrar de aqui, imigrar para ali, mais a ambiguidade formal dos possessivos, seu, sua, vosso, vossa, e a ordem, primeiro, depois, antes, por último. O sub-inspector Z. pergunta, uma vez mais, por que motivo F. deseja e-/i-/migrar, se «o Luxemburgo ainda é a Terra da Promissão, certo?» (*Ibid.*: 12) Se cometeu algum crime? O luxemburguês F. responde com um «sim..., não...». Que é por causa do tempo. Mas nada leva a crer que o tempo, na Suíça, seja melhor do que no Luxemburgo. Então, o luxemburguês F. diz que o motivo está relacionado com Cademario, no sul, onde esteve umas sete vezes, ou mais. Foram muitas. Já não se lembra. Ó céus alpinos! O sub-inspector Z. nunca ouviu falar de tal lugar. – Onde fica isso? – Em Malcantone –, responde-lhe o luxemburguês F. Para mais, – não é nenhum cantão –, esclarece o luxemburguês F. – Não existe –, assegura-lhe o sub-inspector Z. Como é que não existe, se o conhece «como ao seu bolso» (*ibid.*: 100), até é cidadão honorário de Cademario, pois, que o busque na Internet, responde-lhe o luxemburguês F. O sub-inspector Z. dispensa os seus conselhos, porque o acha «um tipo esquisito» (*ibid.*), e pede-lhe que solete a palavra *Kade...* à qual, o luxemburguês F., acrescenta: – *mario*. E com imaginação, associa as iniciais deste nome a compositores famosos, escritores e personagens literários, testando a paciência do sub-inspector Z. e a sua estreiteza de horizontes, com tanta cultura geral. Como lhe parece complicado este estrangeiro luxemburguês. – E o que lhe aparece como resultado da busca, no seu PC? – quer saber o luxemburguês F. – Tessin –, diz-lhe o sub-inspector Z. – Tessin? Ah, claro, Ticino, evidentemente. – conclui o luxemburguês F. – E quanto a Malcantone? – disparte, isso de Malcantone, comenta o sub-inspector Z. – Como assim?

Se há «Ticino, Arosio-Aranno-Ascano-Breno-Curio-Fescoggia-Mileghlia...» (*Ibid.*: 101) – argumenta o luxemburguês F. Saturado com tudo isto, o sub-inspector Z. volta à mesma questão: «– O que é que você tenciona fazer?» – À qual, o luxemburguês F. responde: – «Passear.» – E? – pergunta o sub-inspector Z. «– Fazer as termas em Cademario, uma instância de cinco estrelas.» «– E?» – insiste Z. «– É tudo» – assegura-lhe o luxemburguês F. Ao sub-inspector Z. resulta óbvio que se o motivo é lazer, ou fazer termas, ninguém precisa de e-/i-/migrar. Então, F. confessa que sente como que um chamamento para uma missão: salvar a língua luxemburguesa, porque, em seu entender, tanto o luxemburguês, como o alemão falado na Suíça, correm risco de extinção. Por isso, vem às termas dar umas palestras, com o seu tio da América. O sub-inspector Z. discorda que o alemão falado na Suíça esteja ameaçado de extinção, mas quer saber mais sobre o seu tio da América, se este também deseja e-/i-/migrar para a Suíça? O luxemburguês F. hesita em responder, porque na sua bagagem... Bagagem ou mala, ao sub-inspector Z. importa esclarecer se o seu tio da América também traz consigo barras de ouro? O luxemburguês F. não sabe como dizer ao sub-inspector Z., para não levar isto muito a sério, porque se trata de uma metáfora, e esta palavra *metáfora* deixa o sub-inspector Z. de sobreaviso.

O sub-inspector Z., aliás, Emil, tem em mãos o estranho «caso Felten-Felten-Luxemburgo» (p.105), que transcende a sua competência. O sub-inspector Z. remete para o seu superior, o inspector Dr. Sprüngli. Pede ao luxemburguês F. que aguarde, na sala de espera. O luxemburguês F. mostra-se preocupado, porque o comboio parte dentro de 10 minutos, ao que os sub-inspector Z. responde, pedindo-lhe que não se precipitasse, porque o seu caso lhe parecia «muito sensível» (*ibid.*: 104), e além disso, comboios há muitos na Suíça. Ao telefone, o sub-inspector Z. reporta ao inspector Dr. Sprüngli o caso: «de início, [pareceu-lhe] banal», «ainda que estúpido», «inofensivo», «complicado», «ainda assim, inofensivo», com [a entrada de] «um tio misterioso, da América», uma história «confusa», «intricada», ainda, a referência a Cademario, em Tessin, tudo isto lhe parece «bastante caricato», «logo à primeira, pateta», «com a maluqueira da salvação da língua luxemburguesa, mais estúpido não é possível» (*ibid.*: 105). Mas a história do tio da América parece configurar uma pista, «ali há coisa» (*ibid.*: 106), há que ter cuidado, e o sub-inspector Z. vai fazendo suas as palavras do inspector, Dr. Sprüngli, anuindo, «exato», até chegar-lhe ao ouvido a decisão inevitável: «fora [com eles] da Suíça central, exato... Alpes Meridionais...» (*Ibid.*). E relembra, «primeiro, tudo um pouco disfarçado... Depois, dá com a língua nos dentes... este idiota... De repente

cai a senha: METÁFORA... metáfora: ... *räge-däge-däck*, Senhor Doutor! Compreende: [há] terroristas no [local de] trabalho [isto, é, na Alfândega].» (*Ibid.*) Inesperadamente, F. está de volta e entrega-lhe o livro *De Monni aus Amerika* [O Tio da América], esgotado, para fotocopiar e juntar ao seu *dossier*.

Levar à cena e editar *Migrant* (2015) é uma aposta humorística contra a corrente, com a construção de metáforas que nos interpelam e ajudam a compreender o uso quotidiano dos estereótipos, ou a banalização da diferença, quando se faz da diferença critério que legitima as desigualdades sociais entre pessoas e culturas.

*António de Vasconcelos Nogueira**

* Investigador. Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro.